

A dor e a máscara: impostura, colapso e ficção no Flaubert de J.-P. Sartre¹

Roberto Barberena Graña²

Resumo: O autor debruça-se sobre a biografia de Gustave Flaubert, escrita por J.-P. Sartre e publicada pela Editora Gallimard, nos anos 1971-72, para acompanhar o desdobramento das distintas fases de seu desenvolvimento pessoal e artístico, atendendo para as perturbações manifestas em cada uma delas, as quais conduzirão a uma solução final que, se é exitosa do ponto de vista da realização literária, não testemunha de um encaminhamento satisfatório da própria existência no plano da realização pessoal.

Palavras-chave: Ficção. Impostura. Mentira. Perversão. Psicanálise. Psicanálise existencial.

Por ter mantido ao longo de toda a sua produção intelectual, que abrangia e expressava-se em diversos gêneros, uma relação ambivalente com a psicanálise, Sartre nunca deixou de reconhecer-lhe os méritos tanto quanto de apontar-lhe os equívocos. J. -B. Pontalis, que o acompanhou durante muitos anos na condição de interlocutor e colaborador, descrevia a relação de Sartre com Freud como a de um Enéias pouco disposto a carregar Anquises sobre seus ombros. O filósofo que dizia não ter Supereu nem complexo de Édipo e não acreditava no inconsciente pretendeu, não obstante, construir uma psicanálise ao seu gosto,

1 Versão reduzida de parte de um capítulo do livro *Sartre ou o inconsciente como alibi*, Editora AGE, 2019, 294p.

2 Membro Titular em função didática da SBPPA, Doutor em Literatura brasileira pela UFRGS, Pós-doutor em História das ideias psicanalíticas e filosóficas por Paris VII.

para uso próprio, a qual apresentou como Psicanálise Existencial na sua mais importante obra filosófica: *O ser e o nada*, em 1943.

A aplicação do método da Psicanálise Existencial, entretanto, por não ser Sartre um clínico – embora seu interesse pelas experiências de psicofísica realizadas na Sorbonne e pelas apresentações de pacientes nos hospitais psiquiátricos, as que assistia, evidenciassem grande curiosidade e desejo de informar-se sobre os fenômenos psicossomáticos e as psicopatologias graves –, fará com que ele se volte para a análise de três importantes personalidades da literatura francesa cujas existências foram marcadas por perturbações diversas – nas quais as psicopatologias pessoais ocupam lugar destacável – que não deixaram de se expressar nas suas obras ou mesmo de dar-lhes forma.

Embora os estudos biográfico-literário-psicanalíticos de Sartre se apliquem, à exceção de Jean Genet, a autores falecidos, i.e., a um passado convertido em *ser-Em-si*, que está condensado e petrificado em todos os documentos e notas biográficas disponíveis sobre essas celebridades que ele foi capaz de recolher, procurando aprofundar-se maximamente na história, personalidade e obra de cada um, o filósofo procedia como um investigador psicanalítico. Nas três análises empreendidas (Baudelaire, Genet e Flaubert) ele estudava as manifestações patológicas da idade madura, buscando estabelecer suas linhas de conexão com os eventos traumáticos infantis e a “escolha original” que orientou o curso dessas existências, mais ou menos infelizes, não obstante suas realizações geralmente consagradas. Na medida em que trabalhava, porém, sobre textos “gelados” (a letra fria que inscrevera em mosaico a síntese das versões dominantes sobre os devires e vicissitudes de cada um desses *Daseins*), ele realizava uma espécie de “maquiagem do morto” – como escreveu Roland Barthes (1981) em seu prefácio a *O grão da voz* – já que dois de seus três “analisandos” não estavam mais presentes para confirmar ou discordar dos fatos, relatos, hipóteses e interpretações formuladas pelo “analista”.

Como o pensamento psicanalítico existencial de Sartre se enriquecia notavelmente em cada novo texto filosófico de cunho psicológico e psicanalítico que ele produzia³, o volume das páginas dedicadas a cada um dos três analisandos aumentou consideravelmente de narrativa para narrativa; não apenas porque Sartre possuísse maior documentação sobre a vida e a obra de um do que de outro, mas pelo fato de parecer sentir-se cada vez mais à vontade e melhor

3 Camilla Sales Gonçalves, cujo livro destaca-se em nosso meio pela sua pretensão de estabelecer um diálogo fértil entre a obra de Sartre, a psicanálise e a filosofia da história, tem razão ao afirmar que “de início observamos que alguma psicanálise sempre lhe foi indispensável” e que “a obra filosófica de Sartre é permeada pelo projeto de fundar uma psicanálise existencial”. Ver Gonçalves, C.S. (1996) *Desilusão e História na Psicanálise de Jean-Paul Sartre*. Nova Alexandria, São Paulo. p. 24 e 9.

fundamentado para incursionar *regressiva e progressivamente* (ele caracterizava seu método como regressivo-progressivo) em suas vidas-obras, extraíndo delas o que julgava ser o objetivo maior da sua psicanálise, aquilo que, por efeito da *turvação* da água límpida da consciência, deixara de ser imediatamente visível, ou conhecido – pelos sujeitos ou por seus críticos –, embora *isso* não devesse ser referido como *inconsciente*, segundo o filósofo.

Como em Sartre, cada vez mais – embora desde sempre – excesso e sucesso foram sinônimos, ele tendia a escrever livros cada vez maiores, o que implicava em repetidas descrições e em reiteradas interpretações que, ao fim e ao cabo, conduziam o leitor a um estado de fadiga intelectual, já que esses livros não possuíam um conteúdo que se renovasse constantemente a ponto de a narrativa manter-se atrativa e surpreendente durante todo o curso da leitura. A propósito, vejamos: o *Baudelaire*⁴ foi escrito em menos de 200 páginas, o *Saint Genet*⁵ em aproximadamente 700, e *O idiota da família*⁶ em quase 3000. Sartre movia-se segundo a premissa de que a exaustão precificava o êxito. Seus excessos físicos e intelectuais (incluindo o uso abusivo de tabaco, álcool e estimulantes) seriam, porém, posteriormente também tributados.

O presente escrito será relativamente breve, sobretudo considerando-se o grande número de páginas dos três volumes que serão aqui abordados, com o propósito de não apenas evitar um prolongamento indevido da narrativa, mas de reunir somente o que é de efetivo interesse para ilustrar a aplicação do método da psicanálise existencial, demonstrando ainda o quanto as análises sartreanas se aproximam das freudianas quando se trata de fazer psicanálise aplicada. As psicanálises de Genet e de Flaubert mais se assemelham, ainda, às “tradicionais”, por concederem maior espaço e atenção ao desenvolvimento “psicossexual” e às perturbações da vida sexual adulta dos dois autores.

Certamente não me ocuparei aqui de realizar “outra” análise de Flaubert, porque isso não teria sentido algum; a análise está concluída e o “analista” é um pensador brilhante. Além disso, uma vez que o interesse é apontar afinidades e diferenças nas duas abordagens, selecionando as principais temáticas e o método usado por Sartre em sua busca de esmiuçar o sentido que os fatos assumiram na trama complexa dessa existência, darei atenção especial aos itens nos quais se destaca a repetição crua do traumático, conduzindo a uma trágica coincidência dos significantes “sucesso” e “felicidade”.

4 Sartre, J.-P. (2012). *Baudelaire*. Paris: Folio/Gallimard. (Originalmente publicado em 1947)

5 Sartre, J.-P. (1952). *Saint Genet, comédien et martyr*. Paris: Gallimard.

6 Sartre, J.-P. (1971-1972). *L'idiote de la famille: Gustave Flaubert de 1821 à 1857* (3 Vols.). Paris: Gallimard.

Flaubert e *O Idiota da família*

Numa conferência realizada em Bruxelas, em 1972, Sartre confidenciou a sua audiência uma contradição interna que carregava consigo e que seria de difícil resolução considerada a “situação presente”⁷. Transcrevo abaixo um trecho de seu discurso, porque ele nos permitirá melhor compreender a importância que adquire *O idiota da família* na vida e obra de J.-P. Sartre, na medida em que é nesse livro – penso eu – que o que designo como a sua “autoanálise” se conclui:

Todo intelectual tem seus próprios interesses ideológicos. Se for um escritor, tem suas obras. Apesar de eu sempre ter contestado a burguesia, meus livros se dirigem a ela, na sua língua e, ao menos nos primeiros livros, é possível encontrar elementos elitistas. Eu trabalho há 17 anos num livro sobre Flaubert que jamais interessaria a operários. Estou ligado a esse livro: tenho 67 anos e trabalho nele desde os 50. Esse livro me liga a meus leitores burgueses e, por isso, estou ainda ligado à burguesia. Existe, no entanto, um outro lado de mim que recusa os meus interesses ideológicos. Eu contesto a mim mesmo como um intelectual clássico e, na medida em que me contesto, em que me recuso a levar a sério o fato de ser um escritor elitista, estou do lado dos que lutam contra a ditadura burguesa. Nós temos exatamente os mesmos interesses. Logo, existe uma contradição bem particular em mim: eu escrevo vários livros para a burguesia e me sinto solidário com os trabalhadores que querem derrubá-la, os trabalhadores que assustaram a burguesia em 1968 e que atualmente têm sido, cada vez mais, vítimas de uma repressão atroz. Porque sou um deles, eu devo ser punido; porque sou o escritor de Flaubert, sou uma criança mimada da burguesia que deve ser recuperada. Mas, se há algo que deve ser comunicado às esferas governamentais, é que a contradição que existe em mim provém, simplesmente, da situação atual. (Astruc & Contat, 1986)

Digo que a autoanálise de Sartre se conclui com *O idiota da família* porque sua própria atividade de pensador, por conseguinte sua vida – como ele mesmo disse –, encerram-se também no início dos anos 70, quando o filósofo fica cego. “No outono de 1973 Sartre mergulha na escuridão”, escreveu Cohen-Solal (1985, p. 623). “A partir do outono de 1973, o escritor Sartre não existe mais. . . . O uso do olho direito ele perdera aos quatro anos. O olho esquerdo, o que lhe valia, agora o abandona: ele tem sessenta e sete anos” – a descrição de sua biógrafa é detalhista e pungente. “Hipertensão, trombose de uma veia temporal, tripla hemorragia de fundo de olho, fragilidade das artérias, enfraquecimento das defesas devido à idade, diversos excessos, principalmente de fumo, álcool e múltiplas drogas: o diagnóstico é claro” (Cohen-Solal, 1985, p. 623). O depoimento do escritor a respeito de sua presente situação é ainda mais tocante, assemelhar-se-ia ao de quem agoniza num coma sem prazo de resolução:

7 A França que aclamara Charles de Gaulle e que era, então, governada por Georges Pompidou.

Meu ofício de escritor está completamente destruído. . . O único objetivo de minha vida era escrever. . . Em certo sentido isso me tira toda razão de viver: eu era e eu não sou mais, por assim dizer. . . Eu sou um homem da escrita e é muito tarde para mudar. . . (Cohen-Solal, 1985, p. 623)

Sua vida, porém, se prolongaria ainda por sete anos.

Não obstante a obra de Sartre tenda de maneira geral ao autobiográfico, *O idiota da família* é comumente referido como o livro em que o autor menos se distingue do protagonista e do narrador, havendo momentos nos quais, se não estivermos suficientemente atentos, não saberemos mais quem é o sujeito em análise. Em seu prefácio ao livro, Sartre deixa-nos saber que sua questão com o autor de *Madame Bovary* é ainda mais antiga do que a princípio supomos. Ao responder a pergunta que endereça a si mesmo e busca esclarecer o leitor a respeito da sua escolha – “Por que Flaubert?” – o filósofo relata que desde 1943 (ano da publicação de *O ser e o nada*), quando relia a *Correspondência* do romancista, teve a sensação de que “tinha contas a ajustar com ele”, o que o fez decidir-se a conhecê-lo melhor. Aquilo que no início era *antipatia* transformou-se em *empatia*, afirma ele. Ousarei, no entanto, formular o enunciado em outros termos: *o que era antes identificação desmentida transformou-se depois em reconhecimento de semelhanças*. Sartre entende que isso ocorreu porque essa é a única forma de compreender o “outro”. Como seu racionalismo defensivo parece, entretanto, não lhe dar folga, tentarei uma vez mais formular o enunciado em palavras diferentes: *isso ocorreu porque empatizar com Flaubert significa reconhecer a fonte de seu interesse e curiosidade em si mesmo, que toda autoanálise implica um Outro, e que no diálogo que se estabelece entre esse outro externo biografado e o outro íntimo que lhe é desconhecido oportuniza-se a captura experiencial daquilo que não é imediatamente acessível à consciência*. Dessa forma, seria possível dar andamento, mesmo levar a termo, a sua autoanálise, que havia formalmente começado – como suponho – com seu romance de estreia, *A náusea*, em 1938, obra de um teor literário-filosófico-psicanalítico efetivamente inigualável.

Nas 2801 páginas de *O idiota da família*, publicado em três volumes pela Gallimard, Sartre irá referir-se a Flaubert como um escritor elitista, quietista, truão, mentiroso, impostor, hipócrita, cabotino, e outros tantos adjetivos nos quais a repulsa moral ao romancista mal oculta o fascínio que sua obra desperta no filósofo. Embora movido por um propósito totalizante, Sartre apercebe-se de que talvez essa totalização não seja possível, que talvez uma pessoa seja uma pluralidade, mais que uma unidade⁸. Por entender, porém, que Flaubert

8 A cada tanto encontramos boas razões para que Deleuze aponte Sartre como o seu mestre.

objetivou-se em seus livros, ele decide submeter à análise a relação do autor com a obra (essa forma da crítica que desagradava a Foucault), pois considera que a correspondência e a obra literária de Flaubert, reunidas, assumem a forma de uma confidência, *estranha*, mas *decifrável* (o que irritava Foucault, que não acreditava nisso), a qual recebemos “como se ouvíssemos um neurótico falando *ao acaso* no divã do psicanalista”. Se inicialmente hesita sobre por onde começar, Sartre decide logo que isso não é problema, já que “podemos entrar em um morto como em um moinho”, ou seja, por onde e da forma que quisermos. E, extraindo da correspondência de Flaubert com uma amiga a declaração de que somente o trabalho o alivia da sua “melancolia natural”, embora “a chaga profunda que está no fundo sempre escondida” frequentemente apareça, Sartre entende que é necessário conhecer essa “chaga escondida” cuja origem, “de todo modo”, remonta à primeira infância.

O idiota da família não é, reconhecamos e explicitemos, uma obra resumível. Seu primeiro tomo, entretanto, pode ser apontado como o que em sua narração mais se aproxima do relato de uma psicanálise propriamente dita. O emprego do método regressivo-progressivo, que Sartre apresentara em sua *Crítica da razão dialética* (1960), irá conduzi-lo inicialmente para o nebuloso passado do escritor. Rastreamos a história infantil de Flaubert, Sartre detém-se no que demarca um primeiro problema em seu processo maturativo, o qual assume sobretudo, ademais de estados de alheamento, a forma de um distúrbio cognitivo: seu atraso na aprendizagem da leitura, que levou a família a, eventualmente, supor que o menino fosse um “retardado”.

Anne-Justine-Caroline Fleuriot, que havia perdido a mãe no parto e o pai – que adoeceu física e psiquicamente após a viuvez – aos dez anos, depois de passar por diferentes mãos e lares casou-se com o Achille-Cléophas Flaubert, médico-chefe do hospital de Rouen, que era originário de uma família campesina e que, graças aos esforços do pai veterinário, realizara seus estudos de medicina em Paris, tendo visto frustrado, porém, o seu projeto de estabelecer-se na capital. O casal teve seis filhos; três deles morreram com pouca idade, restando-lhes dois meninos e uma menina: Achille era o mais velho, Gustave o filho do meio, e Caroline a caçula. Achille era brilhante, Caroline aprendia brincando e Gustave, que tropeçava nos estudos (aprendendo a ler aos nove anos, segundo o relato de sua sobrinha⁹), acreditava em tudo que lhe diziam e padecia de estados de alheamento mais ou menos frequentes e prolongados, preocupou desde o início

9 Também chamada Caroline, como a mãe e a avó, de cujo relato Sartre desconfiava, devido à menina nunca ter gostado desse tio, o “condenado do abecedário”, que pretendia um dia educá-la para vingar-se do estigma que ostentava na frente, mas contra o qual sua avó, que rejeitava o filho malgrado haver-se esforçado para recuperá-lo da “idiotia”, a havia influenciado.

seus pais. A condição de suposto “idiota”, espremido entre dois prodígios, fazia com que os pais oscilassem entre a preocupação e o desprezo para com ele. Com seis anos de idade, Gustave demonstrava tão pouco senso crítico, confiava tão cegamente nas palavras e operava com tal precariedade a metáfora que, se um criado da família, chamado Pierre, lhe dissesse: “Vá ver se eu estou na cozinha”, o garoto dirigia-se ao fundo da casa, indagando a quem lá se encontrava se Pierre não estava por ali. Supunha-se, escreve Sartre, que “no cérebro do pequeno alguma coisa se desordenara, talvez desde o nascimento; a epilepsia – o nome que davam à ‘doença’ de Flaubert – era, em suma, a continuação da idiotia” (Sartre, 1971, p. 18). Os torpores (estados de retraimento ou ausências) de Gustave são interpretados “regressivamente” (segundo seu método) por Sartre como tentativas do menino de fugir da linguagem e de submergir no silêncio, deixando-se absorver pelo ambiente: plantas, pedras, céu, mar, procurando

dissolver-se na natureza indizível, fugindo do peso da nomeação para a textura inominada das coisas . . . ‘ser a matéria’ . . . ele permanecia por horas com um dedo na boca, o ar quase bestial; essa criança tranquila, que reage mal quando falam com ela, sente menos que as outras a necessidade de falar. (Sartre, 1971, p. 25)

É importante salientar que o primeiro volume de *O idiota*, mais do que os outros dois, endossa uma perspectiva psicanalítica que pouco se distingue da freudiana em seu rastreamento de causas e efeitos, traumas e sintomas. Deparamo-nos nele com fixações orais, tendências incestuosas, conflitivas paternas e fraternas, e referências “maquiadas” ao inconsciente, como a que observamos, por exemplo, na explicitação do compromisso inicial que Sartre assume com a sua investigação: “Ou encontramos o núcleo de betume em torno do qual o sentido se constitui em sua singularidade, ou as origens profundas de Gustave Flaubert e, em consequência, a trama de sua idiossincrasia, continuarão nos escapando” (Sartre, 1971, p. 55). Eis que nos reencontramos aqui, passadas quase três décadas, com o “viscoso”¹⁰; o betume é comumente descrito, inclusive nos dicionários, como uma “mistura escura e viscosa...”, o que parece corroborar a hipótese, que formulo em outro lugar (Graña, 2019), sobre a referência metafórica e o reconhecimento implícito da dimensão inconsciente do *ser-aí*, obstinadamente rechaçada por Sartre.

Surpreende-nos, também, que Lacan seja nomeado ainda nas páginas iniciais do primeiro volume. Em seu esforço por descrever meticulosamente o impasse infantil de Gustave com a língua, o seu fracasso em arrancar os significantes do

10 Temática a que Sartre dedica algumas das melhores páginas da sua principal obra, *O ser e o nada* (1943).

real, Sartre socorre-se em ideias e conceitos lacanianos (e esta é a única passagem em que o filósofo lhe fará uma referência explícita no seu enorme livro):

. . . suas afeições (de Gustave) não se dirigem por si mesmas aos outros, elas não lhe são destinadas, em sua origem, e não visam a se *expressar*. . . por não se expressarem aos outros, permanecem para ele próprio inexprimíveis. Elas são vividas plena e confusamente sem que haja alguém para vivê-las: sem dúvida isso viria do fato de seu conteúdo ser, como diria Lacan, ‘inarticulável’; mas a razão não é uma dificuldade primeira da articulação reforçada por uma opção secreta pelo inarticulado? . . . O menino está mal-parafusado no universo do discurso. A palavra nunca é *sua*: ora o torpor engole o verbo e ora este, caído do céu, o tiraniza. Nesse último caso, inclusive na interioridade profunda ele permanece externo. (Graña, 2019, p. 26)

A vivência inarticulável dos afetos, o desajuste ao universo do discurso, a interioridade profunda esquiva ao verbo são ideias que repercutem a noética laciana, à qual Sartre demonstra não ser “externo”; ele conhece tudo o que circula ao seu redor, está sempre atento aos novos dizeres e pensares, às novas formas de enunciação do vivido, e Lacan, como “instaurador de discursividade” – para usar um conceito de Michel Foucault (1969/2015) – não deixará de tocá-lo. Será por isso que, tendo sido um crítico implacável do inconsciente, Sartre (1976) dirá, eventualmente, que a forma como Lacan o concebe, porém, parece ser interessante? Vejamos o que ele escreve, trinta páginas adiante, sobre a importância de rastrear as origens do sujeito e da neurose na primeira infância:

De certo modo, se toda pessoa singular tem por si mesma a estrutura do signo, e se o conjunto totalizado de seus possíveis e de seus projetos lhe é dado como seu sentido, o sombrio âmago desse sentido é a primeira infância: a apatia recebida, vivida, consolidada, dos dois primeiros anos sustenta, do *interior*, a atividade passiva e todas as condutas de ressentimento, ela é ao mesmo tempo a matéria do signo, a opacidade do significado (misteriosa ultrapassagem da clareza rumo a significações mais obscuras) e a delimitação interna do significante. (Sartre, 1976, pp. 54-55)

A familiaridade que Sartre demonstra ter com a linguagem do estruturalismo mais uma vez sugere que ele tinha em consideração às obras de Saussure e de Lacan. Sua investigação, como veremos, irá efetivamente conduzi-lo para a compreensão das *opacidades do significado* e das *limitações do significante* pelos quais a obscuridade que envolve os começos da vida dessa criança – aparentemente idiota, essencialmente genial – poderia iluminar-se. O momento regressivo da análise sartreana ocupa-se de descrever a configuração vincular da família Flaubert e a forma como Gustave se constituiu nessa espécie de não-lugar que ocupava.

Após o nascimento do primogênito, Achille, a Sra. Flaubert perdeu dois filhos. Ao nascer, Gustave encontra, portanto, uma mãe enlutada. Somava-se à indiferença melancólica, decorrente das perdas precoces e da ausência de um lar na infância, a perda recente de dois bebês. Como ela esperava desde o início ter uma menina, para dar a ela (e a si mesma) a mãe que jamais teve, Gustave era a sua quarta decepção. Ela não amava Achille; só conseguiu amá-lo enquanto não o distinguiu do marido (objeto principal do seu amor, seu esposo, pai e redentor), e o nascimento de mais um filho homem era apenas uma nova fonte de tristeza e frustração (antes mesmo que a “idiotia” se anunciasse). Sua maior alegria foi a chegada de Caroline (Josephine-Caroline Flaubert), mas ela só viria após a morte de mais um menino, que se seguiu a Gustave e chegou a ser junto com ele amamentado. O Dr. Achille-Cléophas Flaubert, de outra parte, “não se apegava aos recém-nascidos”, “os filhos se equivaliam”, “o mais velho ia bem isso era o que importava” (Sartre, 1976, p. 91).

À semelhança da mãe de Sartre, a de Gustave era uma irmã mais velha dos filhos. Eles deveriam construir-se como pudessem. Achille, que recebera o nome do pai e o tomara como um modelo absoluto, seguiria a sua profissão, para a qual o caminho já estava aberto, o posto conquistado e a clientela garantida. Ele parecia ser um adulto, e um médico, mas não era “verdadeiro”. Era não mais que uma cópia inautêntica do pai e por isso este não o admirava, vendo-o apenas como um perpetuador de seu nome e um continuador de sua missão. Ele nunca será, entretanto, um “oco sempre futuro”, um homem, mas uma “plenitude sempre passada”, um morto. Se “ele queria ser seu pai vivo; até o fim será seu pai defunto”, resume sombriamente o autor (Sartre, 1976, 128).

Partindo do pressuposto de que a necessidade de ser amado nasce junto com o filhote humano, antes mesmo de que ele tenha qualquer consciência do Outro, e de que essa necessidade fundamental do *ser-aí* jamais foi compreendida nem atendida pela mãe imatura e indiferente de Gustave, escreve Sartre, em notável consonância com as ideias de um Donald Winnicott – autor que ele não chegou a conhecer – sobre o desenvolvimento inicial primitivo:

É que o Outro está aí, difuso, desde o primeiro dia, pela descoberta que faço de mim através de minha experiência passiva de alteridade. O que quer dizer: através da manipulação repetida do meu corpo por forças estranhas, orientadas, atendendo minhas necessidades. Nesse mesmo nível, por elementar que seja, o amor é exigido. Ou melhor, os cuidados recebidos *são* o amor. Convém, nesses momentos, que a criança, descobrindo-se pela e para a alteridade difusa, possa apreender-se num meio externo e interno de afabilidade. As necessidades vêm dela, mas a primeira atenção que associa à sua pessoa é recebida dos cuidados de que é objeto. Se a mãe a ama, em outras palavras, ela descobre pouco a pouco seu ser-objeto como um ser-amado. Objeto subjetivo para si mesmo

através de um outro mais e mais manifesto, ela se torna a seus próprios olhos, enquanto fim absoluto de operações habituais, um *valor*. A valorização do bebê pelos cuidados o afetará tanto mais profundamente quanto a ternura for mais manifesta: se a mãe lhe fala, ele apreende a *intenção* antes que a linguagem; quando ela lhe sorri, ele reconhece a *expressão* antes mesmo que o rosto. . . . Esse monstro é monarca absoluto, sempre fim, nunca meio. Se um bebê pode, uma vez na vida, aos três meses, aos seis, experimentar essa felicidade orgulhosa, ele é um homem: não poderá, em toda sua existência, nem ressuscitar a volúpia suprema de reinar nem esquecê-la. Mas guardará, mesmo no infortúnio, uma espécie de otimismo religioso fundado na certeza abstrata e tranquila de seu valor. Miserável, mas ainda privilegiado. De uma aventura assim iniciada, diremos, em todo caso, que ela não pode ser comparada à de Flaubert. (Sartre, 1976, p. 136)

O fato de que a mãe de Gustave não o tenha visto como mais que um amálgama de carne e ossos, que o tenha tratado como um tubo digestivo e não o tenha erotizado/narcisado com os cuidados físicos que lhe dispensou, somado à ausência de referências oferecidas por um pai que pouco se apercebia de suas necessidades subjetivas e masculinas, vendo-o como pouco mais que um problema, são elementos que permitem conjecturar sobre as perturbações do desenvolvimento psicosssexual do jovem “psicastênico”, “pitiático” ou “histérico” e as razões porque “o patético marcará até o fim, as relações sexuais de Flaubert” (Sartre, 1976, p. 140). A criança mal-amada encerra-se na imanência, cria um mundo que é cultivado apenas por ela mesma e perde o sentido do humano, porque não conheceu o amor que ensina, e “se ele não existe, resta o adestramento”. Gustave torna-se, assim, um animal adestrado. Apassivado, ele não deixa, porém, de opor uma inversão ativa à expectativa dos que o condenaram a ser um arremedo de homem. Ele leva a impossibilidade de sintetizar-se como sujeito às últimas consequências, nada *apresenta* de si aos outros, apenas *representa*. Ser um agenciador de inúmeros personagens: esse será o destino de Gustave. Que antes da escrita o teatro o fascine, e que ele considere a possibilidade de fazer profissão do que está compulsivamente condenado a repetir, não será minimamente surpreendente. Sem poder importar o modelo de virilidade paterna e sem sentir-se amado por sua mãe, que em seu lugar esperava uma menina, desenvolve em segredo o devaneio e o desejo de ser mulher. Em suas fantasias masturbatórias desejaria ficar “nua” frente a um espelho, para admirar-se, recorrendo a cenários sexuais em que é penetrado por um homem. Não conhecendo o prazer viril, ele acreditava que a mulher detinha a prerrogativa da volúpia. Intimamente, Gustave sentia ser uma mulher, embora os episódios homossexuais que Sartre encontra em sua história limitem-se a uma viagem ao Egito, quando se fazia acariciar por efebos massagistas bem mais jovens do que ele. Sartre acredita ser precipitado,

contudo, taxá-lo de homossexual, já que também tivera várias mulheres, uma delas por longo tempo, Louise Collet. Os relatos de amizades fervorosas e as cartas eróticas escritas aos amigos, entretanto, parecem contrariar Sartre, e permitem suspeitar ao menos de uma “bissexualidade” que acompanhou o romancista por toda a vida. Que a personagem Emma Bovary se inspire no imaginário íntimo do autor, como Flaubert declarou aos juízes que o julgavam por atentado à moral, após a publicação de *Madame Bovary* (“Madame Bovary sou eu!”), seria apenas uma verdade. Sartre descreve também as suas práticas masturbatórias fetichistas, com luvas de mulheres, e na compreensão do fetichismo ele é essencialmente freudiano: “é como se o fetiche fosse ao mesmo tempo a encarnação e a negação do falo materno”. A descrição dessa manobra renegatória apoia-se ainda num ensaio de Octave Mannoni que Sartre havia lido: “*Eu o sei, mas...*”. A distância e a crítica ao pai também geraram nele uma aversão a ser pai, à semelhança de Sartre. Como o filósofo, Gustave começa a escrever na puberdade, para conhecer melhor a si mesmo e se vingar dos outros, construindo personagens odiosos inspirados naqueles por quem se sentia maltratado em sua vida.

Do “menino imaginário” que foi na infância, Gustave passará a ator na adolescência. O personagem mais instigante que criou, e que se fazia presente em reuniões quando menos se esperava, será denominado *Le Garçon* (O Garoto). Esse personagem é amplamente descrito e interpretado por Sartre no segundo volume de *O idiota da família*. Seu primeiro capítulo (IV na sequência do livro) trará por título: *De la geste au rôle: le Garçon*. Com dez anos, Gustave foi para o colégio jesuíta de Rouen, e a forma como descreve essa experiência assemelha-se à de Sartre em *La Rochelle*¹¹. Sendo vítimas de deboche e agressão, inicialmente, ambos aprendem a se defender e constroem personagens cuja marca será também o deboche, a agressividade e a irreverência. Sartre não crê que Flaubert tenha sido o mártir de professores e colegas que diz ter sido, e o supõe menos solitário do que ele dava a entender, relacionando a crise mais ao fato de que “Gustave entra sem desconfiança na circularidade serial de uma competição candente, produzida e instalada pelo verdadeiro sistema competitivo que quer fazer dela uma ‘introdução à vida burguesa’. Isso significa que o pequeno súdito vai ter seu sangue azul¹² engolido por certo ‘coletivo’ prático-inerte”¹³. Das memórias de

11 Cidade portuguesa onde Sartre viveu durante cinco anos (dos doze aos dezessete) após o segundo casamento de sua mãe.

12 Caroline, a mãe de Gustave, alimentara na família o mito de uma descendência nobre, que parece ter-lhe servido como fantasia compensatória para uma infância de abandono e orfandade na qual os cuidadores e os lares se sucediam.

13 Conceito desenvolvido por Sartre em *Crítica da razão dialética* (1960) que se aproxima da descrição do Simbólico em Lacan, embora o primeiro não o conceba apenas a partir da língua e da cultura, mas do que vigora como um padrão geral dos comportamentos e ideologias, engendrando uma alienação coletiva que deve ser superada pelo desenvolvimento da consciência grupal.

Flaubert, Sartre extrai duas descrições que o escritor faz de si mesmo nessa época e que contrastam notavelmente:

De um lado, a “alma nobre e elevada”, a “natureza ardente e virgem” que o materialismo e a crueldade da sociedade das crianças “desconsideraram em todos os seus gostos”, o pequeno selvagem “que perambula sozinho pelos longos corredores caiados do colégio”, saco de pancadas inesperado para “seres com pendores ignóbeis”; do outro lado, um gigante agressivo e violento que ataca primeiro, sabe pôr os zombeteiros de seu lado e fazer-se respeitar. Felizmente, Gustave explica um pouco adiante que esses dois autorretratos se referem a dois momentos distintos de sua temporalização: melindrado pelo contato com os outros, ele contraiu uma irritação crônica que o tornou “nervoso e colérico”. (Sartre, 1971, pp. 1201-1202)

O Garoto parece sintetizar esses dois tempos e esses dois retratos. Ele o utiliza para irritar os professores e para divertir os colegas; esse *semblant*, ostentado durante a infância, que lhe é por isso tão familiar, valeu-lhe o estigma de *idiota* e deu-lhe a aparência de *ridículo*. “É isso justamente o que passará a ser o caçula Flaubert. Chistes, disparates, trocadilhos e piadinhas. É um galhofeiro, enfim, um engraçadinho de salão, sempre risonho, sempre pronto a fazer rolar de rir, um pândego: esse é o papel que assume no colégio e mesmo na família, a ponto de faltar os pais e até a irmã” (Sartre, 1971, p. 1214).

O Garoto fez a sua estreia entre 1835 e 1837. Esse evasivo artifício cênico, esse histrionismo protetivo, que o psicanalista identifica como uma defesa maníaca (Winnicott, 1935/1975) e designa como um *false self* ou *faux semblant* (Turcanu, 2010), consegue espantar os professores e divertir amigos e colegas. Sua performance teatral escande um riso sarcástico e um grito horripilante (que ridiculariza uma mulher gozando). Nessa época, Gustave vê a vida como “uma bufonaria; só há duas saídas: suicídio ou literatura” (Sartre, 1971, p. 1215). Sartre aponta o riso como a estrutura fundamental do *Garoto* (o que conota a sua *Weltanschauung*) e entende que ele expressa o “sadismo de um masoquista”, a sua repugnância por si mesmo e pela natureza humana. Vejamos como Sartre compreende e explica a essência do *Garoto* em termos – a meu ver – estritamente psicanalíticos:

Na origem do Garoto há um menino infeliz que se acredita um fracassado e cujo orgulho o impele a dissociar-se do fracasso por meio do riso, portanto, fazendo-se *outro*. Riso imaginário, riso “que não é riso”, mas recebe certa consistência do fato de que quem ri já é *risível* a seus próprios olhos por ter sido *constituído como tal* pelo terrível olhar do cirurgião-chefe, seu supereu original, e por ter depois sido objeto do riso coletivo dos colegas (ou por ter acreditado que era objeto desse riso). A reflexão de segunda

instância não existe . . . ela seria o riso do superego coletivizado . . . o que há de mais insuportável do que *expor ao riso* as próprias dores? . . . o riso fundamental, para ele, é o ponto de vista do Nada sobre o Ser. (Sartre, 1971, p. 1298)

No capítulo VII do segundo volume de *O idiota da família*, em que descreve a *passagem do poeta ao artista*, Sartre aborda, dentro do período que classifica de pré-neurótico, a segunda catástrofe da vida de Gustave, que tem lugar após o pai retirá-lo do internato, em 1838, de sua expulsão do Colégio, em 1839 (aos 18 anos), e antecede o retorno a Paris, em 1844, onde faria seus estudos de Direito, o que é descrito como “o ataque de Pont-l’Évêque” (aos 23 anos).

Nesse entretempo Gustave padece de transtornos indefinidos, mal-estares diversos, que se alternam com períodos de aparente normalidade. Ele, que já escrevera algumas narrativas que anunciavam o gênio (como *Os funerais*, *Smarh*, *Memórias de um louco*, *Novembro*, e outras) reduz sua produção substancialmente; em alguns textos, ele nos dá notícia desse *déchirement* interior. Em 1837, escreve: “Estarei por toda vida condenado a ser como um mudo que quer falar e espuma de raiva?”. E, semelhantemente, em 1841: “. . . não sei o que escrever nem o que pensar . . . é sempre isso o que ocorre com instintos confusos; sou um mudo que quer falar” (Sartre, 1971, p. 1472). Embora aprovado no *baccalauréat*, Gustave tarda em retomar a Paris para cursar a faculdade de Direito. O pai, apercebendo-se de que ele não está bem, oferece-lhe uma viagem à Córsega, confiando, talvez, numa recuperação espontânea, mas ele retorna ainda pior: “o jovem autor já não se pertence totalmente, assusta os que o cercam com a violência de seus ‘transtornos nervosos’” (Sartre, 1971, p. 1474). Ele, que nunca fora “um fim para si mesmo”, mas sempre “um meio para o fim alheio”, falha em opor-se ao futuro que lhe prepararam; na ausência de uma vocação sólida, deverá optar por uma das profissões reservadas aos filhos de burgueses. Como dois amigos o haviam deixado para cursar Direito em Paris, Gustave decide seguir os seus passos. O projeto, no entanto, nunca se realizará.

Não tendo sido um filho amado por sua mãe, nem um motivo de orgulho para seu pai (suposta origem da sua afecção narcísica), “o caçula Flaubert é um fracasso, um monstro, um furo na água, um fiasco do genitor. Pode-se considerar prudente liquidá-lo na hora: assim, a morte imediata é a consequência lógica de sua infâmia”, mas se decidirem poupá-lo, deixá-lo vivo, não será diferente: “entregue apenas aos recursos da atividade passiva, Gustave rolará até o fim da ladeira e se esborrachará” (Sartre, 1971, p. 1819). Só o reconhecimento poderá salvá-lo,

ele escaparia do inferno por meio da glória. Mas no fim de 1839, até o início de 1842, é afetado por duas mudanças fundamentais: seus fracassos literários o desiludem; ele já não será o maldito genial a testemunhar para todos a maldição comum. Ao mesmo tempo, o pai revela suas verdadeiras intenções: ele não pensa em matar seu filho maldito e muito menos em fadá-lo à ignomínia; a sentença se atenuou com o tempo: condenado à simples mediocridade burguesa, Gustave será um homem-médio, ele fará carreira, tristemente. Ora, ocorre que justamente essa comutação de pena lhe é mais insuportável que a sanção primitiva: mais vale retornar à sua antiga condição de monstro sonhador e passivo do que submeter-se à nova condição e tornar-se um trabalhador forçado e ativista. Como evitá-lo, sem recorrer – contra o capricho de Achille-Cléophas – à antiga severidade do Pai simbólico?¹⁴ Gustave se apaga. Nele o *pater familias* anulará a decisão do cirurgião-chefe. É preciso impelir o doutor Flaubert contra si mesmo, e que a antiga sentença seja executada de imediato, tornando inaplicável a outra. Com isso, a crença primitiva ganha uma virulência que nunca tivera. Ou melhor, torna-se *urgência*: esse destino, que ele vivia semana a semana, e se estendia ao longo de toda a sua vida, eis que agora se apresenta no futuro imediato; quando entra no Hospital Central [Hôtel-Dieu]¹⁵, por volta de 20 de janeiro, Flaubert acredita que está correndo ao encontro de si mesmo, e que vai enfim se encontrar face a face com o idiota ou com o cadáver que é sua verdade. (Sartre, 1971, p. 1820)

Oferecer uma resenha do que julgo ser essencial à intenção de seguir os passos da investigação de Sartre – no que se aparenta com o processo clínico da análise – impõe-me desatender a minuciosa contextualização (histórico-político-sociológico-filosófica) que margeia a narrativa biográfica e a crítica psicobiográfica, dando suporte à pretensão sartreana de totalização. É essa descrição extensa, minuciosa e erudita dos acontecimentos, a “simultaneidade”, e o esforço de sintetizar o “espírito objetivo” de cada época (ou o que Sartre conceituara em 1960 como o “prático-inerte”) que fundamenta a abordagem da doença de Flaubert como uma “neurose objetiva”¹⁶, conforme Sartre irá classificá-la no terceiro volume de *O Idiota da família*. Meu relato não deverá, contudo, avançar além da descrição e compreensão da “queda” (*chute*), conforme a designa Sartre, que assumirá na sua anamnese uma atitude “clínica” (ou o mais próximo

14 Pode-se aqui observar que, embora Sartre esteja, como apontado anteriormente, em contato com ideias e conceitos de Lacan, ele nem sempre possui deles maior compreensão. Com efeito, dispor de um poder que pode ser arbitrariamente exercido sobre a vida/morte do filho é apanágio do Pai imaginário, não do Pai simbólico, mas de um pai que ainda não se simbolizou.

15 Um Hôtel-Dieu, às vezes escrito Hostel-Dieu, é um hospital de fundação antiga, em algumas cidades, que recebia órfãos, indigentes e peregrinos e era administrado pela Igreja. O termo “Hôtel-Dieu” não parece constituir uma categoria de estabelecimento diferente da do hospital, e deve ser considerado como um nome simples, uma contração da palavra “hotel”, derivada do latim *hospes, hospitis* (“que ou quem dá hospitalidade”) e de Deus. (Fonte: Wikipédia)

16 Ela não se afastaria das formas típicas do adoecer que eram favorecidas pela configuração da estrutura (o *prático-inerte*). Ou seja, a despeito da singularidade da sua patologia, em relação com sua história pessoal, as somatizações históricas e crises dissociativas indicavam um modo comum de espetacularização do mal-estar humano no seu desbordamento psicopatológico.

disso a que poderia almejar um filósofo). As circunstâncias da “queda”, palavra eleita por Sartre para referir-se ao epicentro da “explosão” de Pont-l’Évêque – que, simultaneamente, alude ao desmaio histérico mediante o qual a crise se espetaculariza e à falência psíquica que imediatamente a seguirá –, serão descritas por Sartre com a meticulosidade de um médico que elabora cuidadosamente a sua descrição da síndrome visando à organização de um prontuário. A linguagem da qual o autor se utiliza é, porém, bastante peculiar:

Gustave “sente-se esquisito”. É que começou a *instauração*¹⁷: a somatização sustenta e desborda a crença, a *estranheza* se estende às modificações corporais das quais ele tem consciência. Nos primeiros dias, no Hospital Central, não há ainda muita coisa, salvo que um nervosismo inusitado, junto a percepções íntimas de deslizamentos, apertamentos – sinais de uma reestruturação sofrida e feita às cegas – e alheamentos confirma, talvez, seu sentimento de que arrisca perder o controle de si a qualquer momento. . . . Caberá dizer que o ataque – ou somatização radical – deve decorrer dessa longa preparação, como conclusão lógica e arremate, sem a participação de circunstâncias exteriores? Para decidi-lo, acompanhem os dois irmãos na estrada de Deauville para Pont-l’Évêque e tentemos descrever a *situação* em que se encontra o caçula quando a crise se produz. (Sartre, 1971, p. 1820)

Ressalte-se que Gustave havia passado mal nos pretensos poucos dias que esteve em Rouen (logo retornaria a Paris), fora hospitalizado por estar muito nervoso e, com a finalidade de acalmá-lo, enviaram-no a Deauville – onde a família possuía uma propriedade rural – na companhia do irmão, Achille, que, sendo médico, poderia prestar-lhe assistência se isso fosse necessário. Em Deauville, ele se sente melhor; está distante da família, mas essa ausência o envolve mudamente; nessa condição, consegue desfrutar dela sonhando com um futuro de herdeiro, em que poderia, talvez, dispor de meios suficientes para dedicar-se a escrever. Perto do entardecer, os irmãos decidem voltar; põem em marcha o cabriolé. Gustave é quem segura as rédeas, já é noite, e Achille está ao seu lado: é nesse momento que sobrevém o ataque. Gustave desmaia sobre o cabriolé: *ele cai no caminho de volta*, assinala Sartre. Os irmãos ainda estavam longe de Rouen, onde chegariam no dia seguinte, mas a viagem se interrompe; em vez de Rouen – e depois Paris –, a “morte”. O retorno a Rouen é vivido por Gustave como um calvário: “Vista da Rue d’Ouest, a família seria o refúgio; quando deixa Deauville, ela lhe aparece como a antessala da escravidão. Eles vão expulsá-lo, reenviá-lo aos estudos; ele os detesta; a cada giro da roda sente crescer o medo e o desgosto, sente fisicamente a necessidade e a impossibilidade desse retorno”

17 *Mise en place.*

(Sartre, 1971, p. 1822). Decidir segurar as rédeas sugeriria que Gustave pretende agora assumir o curso de sua vida, mas o futuro que ele assim abraça não é o que deseja, e sim o que lhe é imposto, diz Sartre; o segurar as rédeas é semelhante a estudar o Código (Penal ou Civil); dessa forma, guiar o cavalo e afundar nos livros de Direito não se distinguem. Nesse embate entre a vontade e o desejo não é difícil imaginar o resultado: à medida que instrumentaliza o seu corpo numa empreitada voluntária, ele delega a resistência passiva à parte obscura e visceral do organismo que não lhe obedece, ou seja, que não obedece a sua obediência. (Sartre, 1971, pp. 1823-1824). [Mais uma vez nos deparamos com uma clara alusão ao inconsciente e com a firme decisão sartreana de jamais nomeá-lo, o que o conduz a uma referência anacrônica e imprecisa: *a parte obscura e visceral do organismo que não lhe obedece*].

Na interpretação de Sartre, a crise de Gustave se dirige ao pai, e tem o testemunho confiável de seu irmão, Achille. Ele entregará ao cirurgião-chefe o instantâneo de “um momento capital do diálogo de surdos-mudos dos dois” (Sartre, 1971, p. 1829).

Segundo Sartre, a “morte histérica” espetaculiza um esforço extremo para sensibilizar o Outro. Gustave está imbuído do propósito de não apenas fazer seu pai chorar e desesperar-se, como de poder crer-se, enfim, desfrutando do seu amor sob a forma de cuidado. Ele consegue, ademais, liberar-se para sempre da submissão a um destino inaceitável, embora o preço disso seja alto: renunciando ao Direito, à autonomia e a Paris, ele condena-se ao permanente convívio com sua família. A essa arriscada permuta, na qual algo do Ser é sacrificado ao Nada, e cujo lucro supõe uma perda dificilmente dimensionável, Sartre refere-se como “*le Qui perd gagne*” (o *Quem perde ganha*), “conversão ao otimismo” que possibilita a resolução momentânea do impasse entre a *maldição do Outro* e o *anseio de subjetivação*, e que compreende a crise como “uma estratégia positiva à luz dos fatos apresentados” – até que algo da ordem de um *milagre* possa intervir, por fim, trazendo consigo melhor solução.

Embora Sartre descreva a personalidade de Flaubert, após a crise de Pont-l'Êveque, como tendo sofrido uma “necrose” – o que é confirmado pelos amigos que o visitam e compartilham a impressão de um certo *déficit*, como Maxime du Camp, para quem *après la chute* Gustave restringiu cada vez mais o seu campo de ação, passando a viver quase que exclusivamente de devaneios e desinteressando-se do mundo externo a ponto de nem mesmo ler jornais –, é depois da queda que Gustave escreverá ou concluirá os três romances que irão consagrá-lo: *Madame Bovary*, *Salambô* e *A educação sentimental*.

Neurose, perversão, psicose? Ainda que Sartre reafirme, a cada tanto,

ocupar-se no seu livro da análise de uma neurose histérica (o “pitiatismo”), ele não desconsidera em momento algum os elementos psicóticos (alucinações, despersonalização, desrealização e ideias delirantes) que compõem a crise, como não dissimula, também, a forma perversa definitivamente assumida pela sexualidade de Flaubert. Segundo o filósofo, certas normas estéticas propostas pelo romancista em *A educação sentimental* e na *Correspondência* demonstram ser racionalizações de alguns sintomas que, de fato, pertencem ao reino da psicose, como o isolamento e a imutabilidade (petrificação), que, mais que uma recusa a se adaptar, indicam uma recusa ao *vivo* e à *vida*.

No terceiro volume de *O idiota da família*, em que aborda a neurose de Gustave Flaubert com sendo em parte determinada pelo “espírito objetivo” da época, Sartre descreve as transformações do quadro clínico da histeria, no seu transitar de um século a outro, realçando a variação fenomênica que irá conduzir da *contratura* à *impostura*. Ele distingue a sintomatologia das histéricas de Charcot, mulheres pobres e com pouca instrução, das jovens vienenses de Freud, pertencentes a um meio culto e refinado, e das histéricas inteligentes e instruídas com que a clínica contemporânea nos familiariza, nas quais os sintomas conversivos e dissociativos cedem lugar para uma atitude artificial que tende a generalizar-se:

Nos pacientes mais inteligentes (diz Sartre) esses sintomas não aparecem, parecendo até que hoje, com a elevação geral do nível cultural, eles encontram-se em regressão. A histeria caracteriza-se então, contrária à sua forma anterior, pela maleabilidade e flexibilidade, por uma *indubitável compreensão da realidade* e por uma *adaptação aparente às situações objetivas*. Mas essa adaptação é enganadora: o paciente *decifra os problemas do ambiente* e os acontecimentos em função de *uma intenção fundamental de ruptura*. [Os itálicos são meus] (Sartre, 1971, p. 27)

Ampliei o grupo das palavras grifadas por Sartre, nessa passagem, para atrair a atenção do leitor sobre a acuidade da percepção crítica (já que um filósofo não é um clínico) de Sartre ao descrever as formações do inconsciente *vers un nouvel semblant*. Obviamente, quem foi capaz de oferecer o mais contundente testemunho literário-filosófico da subjetividade que se espetaculiza em nosso tempo, não deixaria de constatar essa transformação nos modos de expressão do sofrimento humano num mundo onde o “espírito objetivo” é carente de nitidez, onde as imagens dizem mais que a voz, e onde o sintoma assume a forma da náusea existencial, da abulia anômica e da errância gozosa.

Penso ser necessário reiterar, antes de concluí-lo, que o objetivo deste escrito não é, por certo, o de reanalisar Flaubert em outra perspectiva, mais afim com a psicanálise clássica (a que Sartre se refere como “empírica”) ou com a

psicanálise contemporânea (um conceito de inocultável imprecisão), já que as análises sartreanas estão “completas” dentro do sintagma que para elas seu autor estabelece, mas simplesmente ilustrar um procedimento que, para o filósofo, é também “psicanalítico” (que Sartre mantenha o significante parece contradizer sua insistência na inexistência do inconsciente, já que, como bem assinala Stern (1961, p. 147), se não há inconsciente não há justificativa para a análise que, pessoalmente, acredito poder promover o avanço do pensar – no sentido heideggeriano do *denken* – do psicanalista, na medida em que acrescenta algo e subtrai algo ao que foi “metalizado” (ou fossilizado) pela fidelidade ao modelo metapsicológico (energético-representacional-pansexual)¹⁸ Nesse sentido, a crítica sartreana não deixa de operar desconstrutivamente, produzindo um resto que, como o objeto *a* de Lacan, é capaz de manter vivo nosso desejo de descobrir e saber, de animar o curso do processo heurístico, o que se poderá, talvez, considerar suficiente.

Pain and mask: imposture, collapse and fiction in J.-P Sartre's Flaubert

Summary: The author focuses on the biography of Gustave Flaubert, written by J.-P. Sartre and published by Gallimard, in 1971-72, to follow the unfolding of the different phases of his personal and artistic development, paying attention to the disturbances manifest in each of them, which will lead to a final solution which, if it is successful from the point of view of literary achievement, does not bear witness to a satisfactory routing of one's own existence on the plane of personal fulfilment.

Key words: Existential psychoanalysis. Fiction. Imposture. Lie. Perversion. Psychoanalysis.

Referências

- Astruc, A., & Contat, M. (1986). *Sartre par lui-même*. Paris: Sodaperaga.
- Barthes, R. (1981). *Le grain de la voix : Entretiens (1962-1980)*. Paris: Seuil.
- Cohen-Solal, A. (1985). *Sartre: 1905-1980*. Paris: Gallimard.
- Foucault, M. (2015). O que é um autor? In *Ditos & Escritos III. Estética: Litera-*

¹⁸ Lacan foi quem mais corajosamente nos mostrou que o modelo energético-econômico estava caduco, que não havia significado precedendo o significante, que o inconsciente não estava à espera para ser encontrado, que os urubus não copulavam com as nuvens, que o Édipo não consistia em fornicar com mamãe e assassinar papai, que a *libido* não era mais que um mito fluídico e que a *Todestrieb* foi a mais temerária tentativa de ancorar no biológico a destrutividade humana. Sem Lacan, e certamente sem Ferenczi e Winnicott, a contemporaneidade continuaria esperando para ser inventada pelo psicanalista.

tura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Originalmente publicado em 1969)

Gonçalves, C. S. (1996). *Desilusão e história na psicanálise de Jean-Paul Sartre*. São Paulo: Nova Alexandria.

Graña, R. B. (2019). *A psicanálise e a crítica filosófica II: Sartre ou o inconsciente como álibi*. Porto Alegre: AGE.

Sartre, J.-P. (1952). *Saint Genet, comédien et martyr*. Paris: Gallimard.

Sartre, J.-P. (1960). *Critique de la raison dialectique. Tome 1*. Paris: Gallimard.

Sartre, J.-P. (1971-1972). *L'idiot de la famille: Gustave Flaubert de 1821 à 1857* (3 Vols.). Paris: Gallimard.

Sartre, J.-P. (1976). *Situations X: Politique et autobiographie*. Paris: Gallimard.

Sartre, J.-P. (2012). *Baudelaire*. Paris: Folio/Gallimard. (Originalmente publicado em 1947)

Stern, A. (1961). *La filosofía de Sartre y el psicoanálisis existencialista*. Buenos Aires: Compañía General Fabril.

Turcanu, R. (2010). Une lecture clinique du «faux-self» de Winnicott et du «faux semblant» de Lacan. In A. Vanier, & C. Vanier (Orgs.), *Winnicott avec Lacan*. Paris: Hermann.

Winnicott, D. W. (1975). The manic defence. In D. Winnicott, *Through pediatrics to psycho-analysis. Collected papers*. London: Hogarth. (Originalmente publicado em 1935)

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 11/09/2019

Aceito em: 23/09/2019

Roberto Barberena Graña
Rua Prof. Annes Dias, 154/1201
90020-090 Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: rbgranha@gmail.com